



Vitor Verona Menger  
Orientação: Dra. Denise Regina Quaresma da Silva

**“UMA EDUCAÇÃO SEXUAL MEIO RUIM”: INFLUÊNCIAS DA PORNOGRAFIA  
NA SEXUALIDADE GAY**

**Canoas, 2022.**

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema o diálogo entre a pornografia e o desenvolvimento de sexualidades gays. O objetivo reside na investigação de como o consumo de mídias pornográficas durante a adolescência influencia na constituição das identidades de homens autodeclarados homossexuais devido à pouca exploração do tema no país e ao aumento no consumo de pornografia nos últimos anos, abordando as formas como essas pessoas entendem sua identidade sexual e as relações afetivas e sexuais. O aporte teórico advém dos estudos de gênero e, metodologicamente, a pesquisa tem um caráter qualitativo. Para a obtenção de dados, foram realizadas dez entrevistas semiestruturadas com homens gays residentes na região metropolitana de Porto Alegre/RS. Os dados coletados foram analisados por meio da análise de conteúdo de Bardin (2016), a partir de categorias preestabelecidas, que desvelaram que a pornografia normatiza práticas sexuais e influencia em práticas sexuais violentas, de risco e abusivas, bem como nas vivências afetivas e de gênero da população investigada.

**Palavras-chave:** estudos de gênero; homens gays; pornografia.

## ABSTRACT

The present work has as its theme the dialogue between pornography and the development of gay sexualities. The objective of the study lies in the investigation of how the consumption of pornographic media during adolescence influences the constitution of the identities of self-declared homosexual men due to the little exploration of the theme in the country and increases in consumption of pornography in recent years, addressing the ways in which these individuals understand their sexual identities and affective and sexual relations with the theoretical contribution of gender studies. The study was developed with a qualitative character through semi-structured interviews with ten gay men living in the metropolitan region of Porto Alegre and the data will be analyzed using Bardin's content analysis (2016) from pre-established categories that exposed pornography standardizes sexual practices and influences in violent, risky and abusive sexual practices as well as affective and gender livings in this population.

**Key words:** Gender studies; Gay men; Pornography.

## 1 INTRODUÇÃO

Através de investigações como bolsista de iniciação científica sobre a influência de mídias sociais e das pornografias na subjetividade de adolescentes alunos/as de escolas públicas de Canoas/RS, constatei dificuldades de encontrar estudos sobre esse tema no Brasil. Maior dificuldade ainda foi encontrar estudos e dados sobre as relações entre a pornografia e as subjetividades LGBTQIA+, presente inclusive no pequeno comparecimento de vozes LGBT+ nas idas a campo do projeto no qual estava inserido como bolsista.

Estima-se que cerca de 20 milhões de brasileiros se assumem como parte da população LGBT+ (BRASIL DE FATO, 2017), o que configura quase o dobro do número de habitantes do estado do Rio Grande do Sul e aproximadamente 10% do povo brasileiro. Com uma história marcada por violências médicas (patologia), religiosas (pecado), institucionais (ausência de direitos, políticas repressoras) e sociais (exclusão, perseguição) até os dias atuais, esse grupo populacional é alvo, também por causa disso, de importantes preocupações referentes à saúde mental, como a incidência de ansiedade, depressão e suicídio (TAVARES, 2020; MOREIRA, 2021). Ainda assim, esse recorte da população não recebe grande representação nos estudos sobre influência de mídias.

Em uma sociedade em que o acesso às tecnologias digitais e o uso delas, em especial através de computadores e smartphones, aumentou de forma intensa nos últimos anos, muitos conteúdos, muitas ferramentas e mídias passaram a estar disponíveis para os brasileiros (VALENTE, 2020). Porém, entre os inúmeros tipos de conteúdos possíveis de serem acessados e compartilhados estão materiais considerados pornográficos, que alimentam grandes discussões sobre suas problemáticas e sobre seus efeitos sociais e individuais, ao mesmo tempo em que apresentam marcante presença na sociedade brasileira e nas redes sociais. O site de conteúdos pornográficos XVideos.com estava na 18ª posição, em 2017, na lista dos 50 sites mais populares no Brasil (AGRELA, 2017). Esse posicionamento aumentou desde a época, tendo o XVideos.com subido para o 8º lugar na lista de março de 2021. Além

disso, foram ainda incluídos na lista os sites Xnxx (23<sup>a</sup>) e Pornhub (28<sup>a</sup>) (CASAGRANDE, 2021). Frente a isso, também é valioso ter conhecimento de que a maior parte do acesso a esses materiais é feito por homens (MURARO, 2018), que detêm mais chances de cometer suicídio do que as mulheres, porque as formas utilizadas por eles são mais letais (FERREIRA, 2019).

Partindo desses postulados, este estudo objetivou compreender as relações presentes entre as mídias pornográficas e as sexualidades de homens homossexuais expostos à pornografia durante a adolescência ao longo da década passada por conta do aumento do acesso a mídias pornográficas nesse período. Além disso, verificou-se também a existência de influências da pornografia nas identidades, percepções e relações desses homens.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Nas últimas décadas, a comunidade LGBTQ+ vem conquistando espaço e direitos. Há 30 anos, a homossexualidade foi retirada da lista de doenças pela OMS e, em 2018, o mesmo foi realizado com a transexualidade. No Brasil, essa população conquistou o direito à união estável, ao casamento e à criminalização da homofobia. Também ocorre no país a maior Parada do Orgulho LGBTQ do mundo e, nos últimos anos, personagens não hétero passaram a ser apresentados em mídias de massa, por exemplo, por meio de beijos discretos e carícias ambíguas em telenovelas em horário nobre. Porém, seguem enfrentando problemas na sociedade, tais como violência, tentativas de retirada de direitos e repatologização dessas identidades.

As lutas acompanham a história dessa população desde o século XIX, quando o termo “homossexual” foi criado, diferenciando e criando as identidades homossexuais e heterossexuais. Antes disso, relações sexuais e eróticas entre pessoas do mesmo sexo biológico já existiam. O termo surgiu em um trabalho de descriminalização dessas práticas e, pouco tempo depois, passou a ser usado pela psiquiatria, que atribuiu a ele o status de patologia, o que perdurou até sua eliminação dos manuais diagnósticos. A união da comunidade LGBTQ decorrente das lutas, identificações, perseguições e exclusões levou à criação de associações gays nos países desenvolvidos. Isso possibilitou ver esse grupo como uma etnia homossexual, marcada pela busca dos mesmos direitos da maioria, mantendo, ao mesmo tempo, uma identidade cultural (RONDINI; TEIXEIRA FILHO; TOLEDO, 2017).

A exclusão social é um produto da estrutura heteronormativa da sociedade, cuja função é normalizar as relações de sexo e de gênero por meio do sexismo, oprimindo mulheres e obrigando homens a adotarem posturas tidas como masculinas, opostas às femininas. Disso surge um conjunto de práticas, crenças, dogmas, ideias e discursos conhecido como homofobia, que objetiva a opressão e exclusão daqueles que empreendem relações afetivossexuais e identidades de gênero divergentes das postuladas no modelo heteronormativo, pois apresentam potenciais de questionamento e desestabilização do modelo de que as mulheres devem ser submissas e dominadas pelos homens.

Consoante tais opressões e expectativas, homens não poderiam se relacionar sexualmente com outros homens, porque isso significaria um rompimento com a masculinidade por se colocarem em um papel de submissão/penetrado, reservado ao sexo feminino. Nesse tipo de discurso, podemos encontrar crenças como a de que homens heterossexuais são pessoas íntegras, capazes de formar famílias e relacionadas ao amor romântico, enquanto os homens homossexuais (muitas vezes reconhecidos apenas nos femininos ou penetrados no ato sexual) são relacionados à futilidade, à promiscuidade e à doença (MISKOLCI, 2015; RONDINI; TEIXEIRA FILHO; TOLEDO, 2017).

Por meio de exposições e imposições presentes desde os primórdios da vida dos sujeitos, esses discursos acabam fazendo parte da constituição de todos os sujeitos, de todas as identidades de gênero e sexuais, pelo fato de serem internalizados e, posteriormente, naturalizados como valores inconscientes que geram reações aparentemente instintivas. Dessa forma, mesmo indivíduos gays acabam por reproduzir essas normas, seja ao excluir homens vistos como mais femininos, seja ao buscar reforçar em si e em parceiros características “masculinas” em uma performance executada em um regime de hipervisibilidade através do empenho para desenvolver corpos musculosos e maneirismos que os levem a ser interpretados como “hétero”.

Assim, esses indivíduos reforçam as estruturas heteronormativas da sociedade, enquanto excluem e oprimem (a si mesmos e a) os indivíduos lidos como homossexuais (MISKOLCI, 2015; RONDINI; TEIXEIRA FILHO; TOLEDO, 2017). Porém, além dessa perspectiva pautada em preconceitos e no afastamento da feminilidade, também é importante observar que a masculinidade hegemonicamente construída inclusive se configura em sua depreciação, logo, ao associar (quem é lido

como) o homossexual à feminilidade, ele é repudiado pelo grupo, mesmo que em menor intensidade quando comparado às mulheres (BAERE; ZANELLO, 2020).

Inserido nessa sociedade, o homossexual vê-se confrontado de muitas formas. Enquanto o heterossexual se desenvolveu visando ser o que é, o homossexual, com frequência, só toma consciência de sua orientação sexual na adolescência ou na idade adulta, assim, é educado desde muito jovem para ser algo que não é (CASTAÑEDA, 2007 *apud* RONDINI; TEIXEIRA FILHO; TOLEDO, 2017). Entre esses homens, apesar de a “masculinidade” possibilitar que preserve sua identidade e seus privilégios, ela exige a constante busca de reafirmação ou o adoecimento psíquico daqueles que não são capazes de fazê-lo.

Junto disso, a saúde mental da população masculina é marcada pelo distanciamento dos pais (também como símbolo de emancipação). Além disso, desencorajamento de expressar sentimentos e isolamento influenciam na gênese de sofrimentos psíquicos. Vale também ter em mente que, para homens não héteros, esses fatores são intensificados. Adiciona-se a isso agressões sofridas em ambientes sociais e, como a agressividade é considerada uma característica masculina, ela influencia nas formas dos homens se relacionar e na escolha de métodos de suicídio mais agressivos, que contribuem para as taxas elevadas de suicídio entre homens (BAERE; ZANELLO, 2020).

Dessa forma, é evidente que a forma como as masculinidades são construídas e influenciadas em nossa sociedade impacta na subjetividade e na sexualidade de homens. Em especial, daqueles cujos desejos e cujas identidades divergem do postulado pela heteronormatividade.

## **2.1 As mídias pornô em cena**

A pornografia é intensa e frequentemente relacionada com a manutenção e complexificação dos padrões de gênero e de sexualidade. Os conteúdos pornográficos estão presentes na sociedade de diversas formas: no cinema voltado ao tema, em alas escondidas de videolocadoras, em bancas de revistas, em DVDs (muitas vezes vendidos por ambulantes), como formas mais antigas; em sites na internet ou em compartilhamentos em redes sociais, como formas mais atuais. Considerando a diversidade de definições para a pornografia (LEITE JR, 2012; JUNIOR; OKABE, 2015) e seus diversos tipos, optou-se por utilizar o conceito de

D'Abreu (2013), para quem pornografia é qualquer tipo de material destinado a criar ou a aumentar a excitação sexual do receptor e que contém a exposição explícita dos órgãos genitais ou de atos sexuais e aprofundam formas visuais e digitais de expressão pornográfica, como filmes, vídeos, GIFs, *lomotifs* etc. Junior e Okabe (2015) também contribuem com o entendimento do tema ao diferenciar a pornografia do erotismo, por conta de seu caráter explícito.

O debate sobre o pornô constrói-se a partir de várias problemáticas, englobando desde mídias consideradas humorísticas socialmente, por causa de seu caráter incomum, bizarro ou extremo (na pornografia bizarra), que desvalorizam e banalizam a discussão sobre sexualidade, até representações estereotipadas de raças, gêneros, sexualidades, posições de poder e idades que reproduzem preconceitos e violências visando à excitação sexual (PINHO, 2012; LEITE JR, 2012; DIAZ-BENITEZ, 2012). Entretanto, as discussões alcançam sua maior intensidade no que tange à opressão e à perpetuação de violências frente ao gênero feminino.

Ao representar mulheres infantilizadas, em posições de submissão ou de menor poder social, essas violências ganham representatividade, objetificando e reduzindo o papel e a voz política das mulheres, ao colocá-las sempre disponíveis para o ato sexual, inclusive quando o recusam (resistência simbólica), com um ou muitos parceiros, ou sofrendo explícita demonstração de violência física, humilhação e estupro e violências mais diretas e concretas (D'ABREU, 2013; DIAZ-BENITEZ, 2015). Em excesso, o consumo de pornografia também está associado a prejuízos nos relacionamentos amorosos, em atitudes violentas contra mulheres e na agressividade sexual de homens (BAUMEL et al, 2019). Frente a isso, pode-se entender as mídias pornográficas como representantes e reforçadoras dos padrões heteronormativos de binaridade de gênero, relacionados com a manutenção de violências e sofrimentos psíquicos.

Entretanto, há pessoas que apresentam pontos de defesa das mídias pornográficas, alegando que a pornografia possui algumas funções sociais que beneficiam as mulheres através da afirmação e do exercício da sexualidade e do prazer feminino (PINTO; NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2010; SILVA, 2013). Todavia, a observação de performances sexuais nas mídias não necessariamente significa que elas serão postas em prática por outras pessoas (GOMES, 2015) e que esse meio

tem potencial de questionamento dos costumes sexuais, em especial na pornografia *queer* e fetichista (COELHO, 2009; SILVA, 2013; DIAZ-BENITEZ, 2015).

## **2.2 A pornografia e o público gay**

A pornografia também, por ser vista como um lugar que acolhe aquilo que é considerado proibido e errado pela sociedade, torna-se um local convidativo para a expressão de sexualidades e gêneros dissidentes do modelo hegemônico heteronormativo, sendo o pornô gay considerado uma das poucas fontes de imagens erotizadas de não héteros em uma sociedade em que prevalecem visões negativas relacionadas a homossexuais (MISKOLCI, 2015). Isso culmina com a promoção do acesso e do consumo dos conteúdos pornográficos entre a comunidade gay, que, inclusive, acaba adotando classificações da indústria pornográfica como formas de autoidentificação, geralmente, utilizando-as em sites e aplicativos de relacionamento.

Tal identificação e envolvimento com a indústria pornográfica, por mais que apresente aspectos positivos, ainda apresenta questões problemáticas. Apesar de geralmente não apresentar performances de violência contra mulheres explícita e diretamente, a pornografia ainda surge como um fator que reforça padrões de gênero e preconceitos contra homens homossexuais e outros grupos sexualmente diversos, além de promover outras problemáticas específicas. Exemplos disso são as atribuições de papéis sexuais baseadas em classe socioeconômica e raça (PINHO, 2012).

Além disso, no estudo de Shor e Seida (2020), que analisaram vídeos pornográficos heterossexuais (homem-mulher) e homossexuais (homem-homem e mulher-mulher), foi observado que, nos vídeos homossexuais, ocorriam mais práticas violentas do que nos vídeos heterossexuais, ao mesmo tempo em que, nos vídeos mais violentos, apareciam mais expressões de prazer dos parceiros “passivos” e demonstrações de afeto entre os pares. Enquanto, por um lado, isso traz uma valorização do afeto e do prazer por parte dos indivíduos em posição de passividade no ato sexual, também se pode pensar, de outro, que pessoas homossexuais expostas a esses conteúdos aprenderiam a relacionar violência a afeto, aumentando o risco de estar em situações desse tipo e de naturalizar relações afetivas abusivas e violentas.

Isto posto, por mais que a pornografia seja capaz de acomodar expressões de uma população segregada e oprimida na sociedade ao propiciar a transgressão de padrões sociais, ela também tende a reforçá-los e oportunizar a internalização de construtos sociais que tendem a levar ao sofrimento psíquico de indivíduos não contemplados pelos privilégios do sistema heteronormativo.

### **3 METODOLOGIA**

Este estudo, de abordagem qualitativa, foi desenvolvido a partir de uma coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas com 10 participantes. A amostra foi definida por saturação dos dados (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008) e selecionada por critério de aceitação. Assim, foi constituída pelos primeiros interessados que estavam em conformidade com os critérios de inclusão e que aceitaram participar da investigação. O estudo buscou compreender se as mídias pornográficas influenciaram no desenvolvimento da sexualidade de homens autodeclarados homossexuais que estiveram expostos à pornografia durante a adolescência. A pesquisa foi divulgada pelas redes sociais Facebook e Instagram. Os homens que entraram em contato demonstrando interesse receberam por e-mail o termo de consentimento. As entrevistas ocorreram, devido ao contexto da pandemia do Covid-19, de forma remota, por meio de recursos de chamada de vídeo como Zoom ou Google Meet e foram gravadas em áudio para posterior transcrição. As entrevistas foram conduzidas pelo próprio pesquisador.

Os riscos deste estudo incluíram desconforto, constrangimento e vazamento de dados confidenciais. Para minimizar riscos e evitar desconforto ao responder alguma pergunta da entrevista, os participantes puderam escolher não responder ou, até mesmo, interromper a entrevista a qualquer momento (sem nenhuma objeção). Além disso, garante-se o zelo pelo sigilo dos dados fornecidos e pela guarda adequada deles, assumindo o compromisso de não publicar o nome (nem mesmo a letra inicial do nome) ou qualquer outra forma que permita sua identificação. Após a coleta dos dados, foi realizado o download das informações para um dispositivo eletrônico local (pendrive do acadêmico), apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual.

Os benefícios decorrentes da participação na pesquisa incluem a criação de um espaço para reflexão e a disponibilização de uma cartilha educativa sobre o tema,

bem como a contribuição para o desenvolvimento científico da temática, o que pode propiciar atendimentos e serviços mais qualificados para a população alvo deste estudo.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade La Salle sob o CAAE nº 58071822.3.0000.5307 e, posteriormente, divulgada nas redes sociais Instagram e Facebook para a captação de participantes. Os interessados em participar receberam por e-mail o link de um formulário no Google Forms para aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os critérios de inclusão para participar do estudo foram: ser homem cisgênero, homossexual, residir na região metropolitana de Porto Alegre/RS e ter idade entre 18 e 24 anos. Os critérios de exclusão foram: recusa em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, não ser brasileiro, identificar-se como transgênero, heterossexual, bissexual ou outra identidade sexual que não homossexual, residir em área além da região metropolitana de Porto Alegre/RS, ser menor de idade ou ter 25 anos ou mais.

Para manter o sigilo, os participantes foram identificados como P1, P2, P3, e, assim, sucessivamente, até P10.

### **3.1 Análise de dados**

Os dados coletados foram analisados com base na análise de conteúdo, de Bardin (2016). Essa análise caracteriza-se por um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a discursos diversos. Apresenta 3 fases: a pré-análise, que contempla a exploração do material, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação. Na análise de conteúdo, a possibilidade de criar inferências é de grande importância, essa pode até ser considerada a intenção da análise de conteúdo. As inferências dão ao método relevância teórica a partir de comparações entre informações descritivas.

Ao trabalhar entrevistas semiestruturadas, pode-se realizar uma análise com quadro categorial, privilegiando a frequência de temas nas respostas das entrevistas.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Após a divulgação da pesquisa nas redes sociais, 10 participantes entraram em contato, declarando seu interesse em participar. A faixa etária dos participantes oscilou entre 20 e 24 anos. No que tange à etnia, a grande maioria da amostra

identificou-se como branco, com exceção de um entrevistado autodeclarado negro. Quando questionados sobre suas crenças religiosas, 70% deles declarou não seguir nenhuma religião. Os demais referiram que seguem o espiritismo, o catolicismo e o umbandismo e batuque.

Sobre a escolaridade, 60% dos participantes cursavam o ensino superior no momento da pesquisa. Os demais tinham entre ensino médio incompleto ou ensino médio completo, ou cursavam a segunda graduação ou um curso de pós-graduação. A respeito de ocupação, 40% se declararam estudantes; um participante relatou estar procurando emprego; os demais trabalham como cabelereiro, analista administrativo, bolsista administrativo, designer gráfico e secretário escolar, com rendas variando entre zero e 4500 reais. 70% dependem financeiramente de algum parente e o restante alegou independência financeira. Por fim, 40% dos participantes residem com familiares e o restante vive em pensionatos, repúblicas universitárias, com amigos ou sozinhos. 80% se disseram solteiros e 20% namoravam alguém.

As informações apresentadas pelos participantes foram separadas em 5 categorias para análise: “Sim, porque influenciou na minha” (Pornografia influencia na vivência da sexualidade de homens gays?); “Tive medo que não quisesse se relacionar comigo” (O amor e o sexo são percebidos diferentemente por conta da pornografia?); “Uma educação sexual meio ruim” (O pornô influencia na adolescência?); “Quanto mais violento, mais prazeroso” (A pornografia afeta práticas de violência e assédio?); e “Sem capa é melhor?” (A pornografia e a prevenção de ISTs).

### ***“Sim, porque influenciou na minha.” Pornografia influencia na vivência da sexualidade de homens gays?***

Quando questionados, neste estudo, sobre a influência das mídias pornográficas na vivência da sexualidade de homens gays, todos os participantes afirmaram que a pornografia pode influenciar na vivência da sexualidade de homens gays. As principais influências observadas pelos participantes da pesquisa estão na formação de crenças e expectativas irreais sobre a vivência de práticas sexuais. Velocidade, intensidade, frequência das relações, facilidade na penetração anal e expectativas performáticas são alguns dos aspectos observados na pornografia que acabam por criar uma norma segundo a qual homens gays devem viver sua vida

sexual. P10 disse: “acho que acaba por tirar espaço do que a gente gosta de verdade por essas coisas que a gente acha que gosta, sabe?”. Esse relato aponta como a normatização de práticas acaba por interferir na forma como os homens homossexuais exploram as formas de sentir e dar prazer, preterindo a vivência de sua sexualidade de uma forma singular e autêntica (e, assim, potencialmente mais prazerosa) para vivê-la como acreditam que “deveria ser” vivida, podendo sentir emoções negativas ao se desviar da norma. Isso também foi apontado por P10: “tu vê aquilo e, quando faz, tu vê que não é nada parecido. Tu te sente despreparado, na verdade, acha que tá fazendo errado ou que não tá fazendo bem, não tá agradando teu parceiro. E aí tu cria uma imagem negativa na cabeça”.

Ainda dentro dessas influências, os participantes apontaram também a padronização estética de corpos e partes deles. Porcentagens de gordura corporal baixas e tamanho do pênis e das nádegas marcam como um corpo desejável para práticas sexuais deve ser e quais práticas realizar – homens com pênis grandes são penetradores e os com nádegas grandes são aqueles que devem ser penetrados. Esses fatores acabam influenciando a percepção e a autoestima dos consumidores de pornografia, por não se adequarem aos padrões corporais impostos por essa mídia, inclusive os designados para suas preferências sexuais.

A pornografia apresenta-se como um aparelho disciplinar como a escola, o exército, a oficina e a prisão. É através desses aparelhos e em seus processos que o poder atua sobre o corpo, seu alvo principal. Essa forma de poder é semelhante àquela que Foucault (2012) e Bourdieu (2020) referem que as escolas e os hospitais exercem. Para Bourdieu (2020), as escolas são locais de elaboração e imposição de princípios de dominação, que passam a ser praticados também em esferas privadas. Já para Foucault (2012), essas instituições buscam adequar, homogeneizar e normalizar aqueles submetidos a elas, usando práticas de normalização inclusiva, as quais, ao invés de excluir as pessoas do convívio social (como nas prisões), sujeitam os indivíduos a discursos que instituem a normalidade e a anormalidade nos sujeitos. Essas instituições, além de exercerem seu objetivo principal, exercem uma função de controle: a escola não só ensina, o hospital não só cura, o pornô não só excita. Assim, estabelecem um controle existencial, em especial, sobre o sentido do corpo, da sexualidade e das relações interpessoais. Preciado (2018) reitera tal possibilidade ao afirmar que o sexo na pornografia é uma performance, atuando como um conjunto de

representações públicas que levam a processos de repetição social, ou seja, o pornô leva espectadores a desejarem reproduzir as práticas a que assistiram.

No entanto, a pornografia apresenta-se como uma forma importante de afirmação da identidade homossexual masculina, tendo sido para muitos participantes o primeiro contato com uma representação de vivência homossexual de forma positiva e não condenatória. A fala de P7 corrobora essa afirmação: “pro meu processo de aceite, quando eu procurei me aceitar gay, a pornografia foi tipo o primeiro lugar que eu me achei, que me fez falar ‘ok, tá tudo certo’”. É importante ressaltar que a falta de educação sexual e de referências para a juventude gay parece ser um fator que propicia à pornografia ocupar esse lugar, como afirmou P6: “a gente – principalmente educação sexual gay – a gente não tem referência, tá ligado?”.

A sociedade brasileira não é acolhedora com indivíduos que fogem do padrão da cisheteronormatividade (ANTUNES, 2017). O processo de compreensão e aceitação de uma pessoa que não se encaixa no padrão hegemônico da heterossexualidade pode ser solitário, confuso e até vivenciado como perigoso. Em especial, porque os processos de identificação da sexualidade ocorrem durante a adolescência, momento em que os sujeitos têm ainda pouca bagagem cultural para além da estabelecida por suas famílias, que, em sua grande maioria, são heterossexuais.

Miskolci (2015) apontou que a pornografia é um espaço propício para a expressão de formas sexuais diversas. Referiu, também, que, em função de sua difusão e da facilidade de acesso discreto a ela nos últimos anos, a pornografia surgiu como o único recurso para muitas pessoas que passam por um processo de identificação homossexual. Preciado (2018) contribuiu para o entendimento de que a pornografia tem um papel na sociedade atual, chamando o modelo em que vivemos de biocapitalismo farmacopornográfico. Ele defende que esse modelo não produz coisas, mas sujeitos que serão reproduzidos globalmente. As mídias pornográficas exercem a função de uma das tecnologias de subjetivação, que hoje controlam o corpo por dentro ao serem incorporadas pelas pessoas e, no caso, na construção de suas identidades sexuais. Ou seja, a pornografia, por mais que seja um espaço de representação para essa população excluída, é uma ferramenta para a produção de subjetividades padronizadas.

Entretanto, cada vez mais mídias têm oferecido representatividade LGBTQIA+ sem se basear na pornografia. Como exemplos de representatividade gay não

pornográfica podemos citar: o reality show “RuPaul’s Drag Race” (2009-presente); o curta brasileiro “Eu Não Quero Voltar Sozinho” (2010), bem como sua versão de longa-metragem “Hoje Eu Quero Voltar Sozinho” (2014); a série “Sex Education” (2019-presente); e a recente série “Heartstopper” (2022-presente), lançada em abril deste ano (2022). Corroborando com a ideia de que, apesar de mais difundida, a pornografia não é indispensável para a construção da identidade gay, o participante 7 apontou:

*aconteceu da pornografia ter sido a minha primeira referência. Não era muito uma necessidade. Hoje tem muito mais mídias, muito mais referências, muito mais produtos audiovisuais não pornográficos que poderiam ter estado no lugar da pornografia na minha adolescência.*

Entende-se que a pornografia exerce influência na forma como homens gays experienciam suas sexualidades, atuando como uma força normativa sobre as performances sexuais e as identidades dessa população. Os homens gays são atraídos também por esse tipo de mídia, em especial, por conta da possibilidade de identificação e de aprendizagem sobre práticas sexuais homossexuais que não ocorrem em outros espaços, porém, isso está mudando devido a novas mídias e espaços de representação para essa população.

***“Tive medo que não quisesse se relacionar comigo”: O amor e o sexo são percebidos diferentemente por conta da pornografia.***

Todos os participantes concordaram que a pornografia exerce influência sobre a forma como veem o sexo e sobre a formação de estereótipos sexuais entre os homens gays. As mídias pornográficas foram responsabilizadas por criar padrões de práticas sexuais de forma performativa com o objetivo de parecerem intensamente prazerosas, o que leva esses homens a considerarem o sexo real desinteressante ou frustrante, por não conseguirem reproduzir as performances trazidas pela pornografia ou por não sentirem o prazer apresentado nessas mídias.

Ao abordar o amor, 90% dos entrevistados apontaram que a pornografia influencia o que entendem sobre esse sentimento. Apenas um participante defendeu a ideia de que, se a pornografia influenciasse na percepção de alguém sobre o amor, tal pessoa teria que ter um consumo excessivo de tais mídias. Entre aqueles que

atestaram a influência da pornografia no amor, 60% relataram que ela pode fazer com que homens gays entendam o sexo como a única ou a principal forma de conexão em uma relação, o que faz com que haja uma maior valorização do sexo na escolha de um parceiro de relacionamento. Uma parcela apontou que uma pessoa que não é sexualmente atraente pode não ser vista como um potencial parceiro amoroso. Ainda relacionado ao amor, P9 relatou: “em alguns relacionamentos, eu tinha medo que a pessoa não quisesse se relacionar comigo, porque eu não estava disposto a fazer algumas coisas no sexo”.

Esse relato pode indicar que a padronização de práticas sexuais fomentada por essas mídias parece reiterar que não importa a qualidade do afeto, do carinho e dos sentimentos afetivos que uma pessoa possa sentir por outra, se ela não reproduz estética e sexualmente o que é visto no pornô, ela pode temer não ser merecedora de amor (ou ser vista como tal) ou que seu amor não seja bom o suficiente. Han (2017) afirmou que o capitalismo acentua a pornografização do mundo, expondo e exibindo tudo como mercadoria. A pornografia é o exato contraposto de Eros. Para esse autor, a pornografia profana o erotismo e extingue a sedução erótica. E, com a morte de Eros, Narciso impera e a depressão é o sintoma resultante.

Bourdieu (2020) ensina que o poder simbólico desencadeia atos de conhecimento e reconhecimento práticos que reforçam a fronteira entre dominantes e dominados, muitas vezes com a cooperação dos próprios dominados, que aceitam os limites impostos de forma subentendida. Isso, muitas vezes, faz com que surjam entre eles emoções corporais como vergonha, humilhação, timidez, ansiedade e culpa. A pornografia, ao criar padrões a serem seguidos, estabelece aquilo que é interessante e desinteressante, o que acaba por declarar algumas pessoas como desinteressantes. Assim, se houver um movimento de questionamento sobre isso, essas pessoas podem apenas aceitar a imposição de que são inadequadas e sofrer por isso.

Em relação a estereótipos, as mídias pornográficas também são apontadas por 30% dos participantes como fomentadoras de um estereótipo racial sobre homens negros. Essa população é apontada como fetichizada, estereotipada por causa de seu pênis, que é considerado de tamanho avantajado. Por causa disso, os homens negros são colocados em posição de penetradores. Além disso, 60% dos entrevistados relataram que as mídias pornográficas criam padrões estéticos que podem ser categorizados, como, por exemplo, *daddy* (homens mais velhos -

relacionados à figura paterna), *bear* (homens maiores e peludos), *twink* (homens mais jovens, magros e sem pelos), *femboy* (homens que se portam de forma mais feminina) etc. Considerando-se que a forma de dominação simbólica de que os homossexuais são vítimas, o que se dá por meio de atos coletivos de categorização (BOURDIEU, 2020), e que motor do capitalismo atual é o controle da subjetividade (PRECIADO, 2018), pode-se inferir que a categorização dos corpos na pornografia exerce uma função de controle das subjetividades, com um papel na manutenção do modelo de sociedade de consumo atual, e que a pornografia extingue totalmente a alteridade (HAN, 2017).

Outro estereótipo alimentado pela pornografia abordado por 60% dos entrevistados é o de que homens considerados mais másculos, fortes, peludos e com pênis grande serão necessariamente ativos (penetradores), enquanto os considerados mais femininos e menores serão os passivos (penetrados), sendo a primeira categoria com alguma frequência retratada em posição de dominação e a segunda como submissa. Para P7, “é um porre. Essas questões de passivo e ativo o tempo todo, de ter que saber o que o outro é para saber se vai se relacionar com a pessoa...”. Essa afirmação parece indicar que a pornografia estabelece quem deve exercer qual prática com base em suas características físicas, independentemente do desejo ou prazer da pessoa. Nas palavras de Han (2017), a pornografia objetaliza. São precisamente a falta de toque e de encontro com o outro e o toque autoerótico de si-mesmo e a autoafeição que protegem o ego do toque alheio, fortalecendo o processo de narcização do si-mesmo.

Além disso, essa forma particular de imposição pode ser entendida como parte de uma reprodução da heterossexualidade compulsória aplicada na vivência gay, que regula os gêneros de uma forma binária, em que masculino e feminino se diferenciam por meio de práticas do desejo heterossexual e exigindo que alguns tipos de identidade não possam existir (BUTLER, 2020). Assim, mesmo entre dois homens, fica imposto que um deve ser o “masculino” (ativo) e outro deve ser o “feminino” (passivo) da relação, e que ambos devem possuir o máximo possível de características atribuídas aos respectivos papéis. Em muitas culturas, inclusive, o ato de um homem penetrar outro homem implica uma manifestação da potência e da capacidade de dominação do penetrador e da subjugação e feminização do penetrado (BOURDIEU, 2020).

Entretanto, é importante recordar que a heterossexualidade compulsória é anterior na vida de cada indivíduo (homossexual ou não), ela vem desde antes do primeiro contato com a pornografia. Bourdieu (2020) lembra que os homossexuais, necessariamente educados como heterossexuais, interiorizam o ponto de vista dominante, podendo assumir esse ponto de vista sobre si mesmos. Antunes (2017) apontou que o acatamento desses papéis pode também ser exercido em uma tentativa de aceitação social ao se aproximar do modelo heterossexual dominante.

Nessa assertiva, é possível afirmar que a pornografia influencia na forma como homens gays concebem o amor e o sexo. Essa influência se dá de uma forma classificatória, enquadrando indivíduos em estereótipos e atribuindo, a partir dessas classificações, práticas e papéis a serem exercidos, que reproduzem padrões de dominação e submissão presentes em esferas mais amplas da sociedade.

### ***“Uma educação sexual meio ruim.” O pornô influencia na adolescência?***

Quando se trata do consumo de pornografia na adolescência, 100% dos participantes concordaram que adolescentes expostos à pornografia são influenciados por ela no campo do desenvolvimento da vida sexual adulta. 60% relataram que a adolescência é um momento de descobrimento da própria identidade e que se caracteriza como um período em o ser humano é facilmente influenciado.

Dessa forma, a pornografia é vista como a primeira referência de prática sexual de muitos. É tida, inclusive, como uma forma de educação sexual que leva à sexualização precoce do adolescente e dá a ele a inspiração de fazer o que vê pelo mimetismo, acreditando que o prazer que sente ao assistir ao filme será igual ao prazer que terá ao praticar o mesmo ato. Assim, poderá se colocar em situações sexuais de risco ou com pessoas mais velhas, bem como sentir-se pressionado a iniciar a vida sexual ou a ter relações sexuais mais frequentemente e de forma mimética, imitando comportamentos a que assistiu.

Também foi apontado que a pornografia cria nos adolescentes gays expectativas em relação ao sexo, que podem estar acompanhadas de ansiedade e medo de não ser sexualmente bom ou atraente o suficiente. Essas influências na compreensão acerca da sexualidade dos adolescentes homossexuais também levam a uma interferência no entendimento dessa população sobre amor. Isso porque a pornografia pode levar o adolescente a confundir o ato sexual com amor ou fazê-lo

acreditar que não existe amor entre homens gays, apenas sexo. Desse modo, se aquilo que é sexo é entendido por amor, as características do primeiro se estendem ao segundo. Ademais, as influências sexuais se prolongam até a vida adulta ao apresentar, afirmar e consolidar gostos sexuais ao longo dos anos. G5 disse:

ele (jovem gay) certamente procurou por um tipo de pornografia que ele gostava mais e ele ficou reincidindo mais nisso. Então... de certa forma, a pornografia reafirmou ou foi consolidando um gosto. Acho que a pornografia tem o potencial de consolidar um gosto sexual.

Considera-se que a adolescência é um período de ampla importância para a construção da personalidade e, em especial, das visões de mundo e da identidade sexual de um indivíduo, marcada pela inserção de aspectos culturais e biológicos na vida das pessoas. É também, nesse momento, que costumam ocorrer as primeiras experiências de atração sexual por outras pessoas e as primeiras experiências sexuais (PAPALIA; FELDMAN, 2013). O consumo de pornografia nesse período pode definir o que o adolescente (e, posteriormente, o adulto) gay entende por sexo. Ao assistir a essas mídias sem uma perspectiva crítica e sem ter contato com outras formas de se relacionar sexual e afetivamente, o homossexual adolecendo poderá naturalizar o que é mostrado, acreditando que aquilo que vê é a única possibilidade de vivenciar sua sexualidade.

As atitudes em relação às vivências sexuais são reforçadas pela excitação e pelo prazer causado pela pornografia, que tem por característica a capacidade de estimular os mecanismos bioquímicos e musculares responsáveis pela produção de prazer independente da vontade do espectador (PRECIADO, 2018). Dessa forma, criam-se circunstâncias que propiciam uma lógica de que, se é apenas isso que existe, parece prazeroso, sinto prazer assistindo a isso, então, naturalmente, concluo que é isso que vai me dar prazer ao praticar.

Em relação à masculinidade, as opiniões dos entrevistados divergiram. 70% indicaram que a pornografia tem efeitos sobre a forma como os adolescentes gays vivenciam a masculinidade e pode levá-los a querer afirmar-se. Ao mesmo tempo, ela reforça a relação de estereótipos sexuais com padrões de masculinidade e feminilidade, como, por exemplo, quando citam que homens com pênis grande são “mais homens”. A pornografia pode, ainda, levar os adolescentes a procurar se enquadrar em estereótipos sexuais antes de ter suas primeiras experiências sexuais,

tanto por conta das características físicas que já possuem como apontou P2: “tu acha que, se tu tem o corpo mais fraco, o menorzinho, tu tem que ser o passivo da relação”, quanto na procura por se adequar a ideais construídos de masculinidade, como indicou P6: “eu já conheci muitos caras que tinham muita vontade de serem passivos, mas não queriam ser, porque achavam que isso influenciaria na masculinidade, sabe?”.

Connell (2003) apontou que a masculinidade hegemônica é marcada por um conjunto de atributos e atitudes que se opõem a outras masculinidades “inadequadas”, marcando a diferença entre o que é considerado aceitável ou não para um homem. Segundo Bourdieu (2020), em contrapartida de seus privilégios, aos homens é imposto o dever de afirmar para si e para os outros, sob qualquer circunstância, sua virilidade. A virilidade é entendida pelo autor como a capacidade reprodutiva, sexual, social e de aptidão ao combate e à violência e é afirmada constantemente em uma busca de glória e distinção na esfera pública.

Nesse contexto, mostrar-se potente, declarar-se e ser capaz de penetrar, gozar e fazer gozar muito, acaba sendo uma forma importante de afirmação da masculinidade de um sujeito. Em um momento da vida em que há uma busca natural para se inserir socialmente, ao mesmo tempo em que uma identidade está sendo construída, a pornografia pode surgir como uma fonte de exemplos de performances masculinas a serem mimetizadas pelos consumidores dessas mídias.

Por outro lado, 30% dos entrevistados apontaram que a influência na masculinidade dos adolescentes é baixa ou nula, defendendo que a pornografia apresenta várias formas de ser homem, desde o mais tradicionalmente masculino até o considerado mais feminino, permitindo aos adolescentes se identificar e naturalizar formas plurais de masculinidade. Ademais, ter um círculo social na adolescência formado por pessoas pertencentes à LGBT+ foi apresentado como um fator protetivo. Conforme P7, “em relação à masculinidade, eu acho que eu não tive problemas assim, porque, depois que eu cresci, a minha roda de amigos sempre foi meio LGBT. Então foi um processo, todo mundo se descobrindo junto assim.”.

A virilidade, além do exposto anteriormente, é uma noção relacional (BOURDIEU, 2020). Ela é construída diante dos demais com base em formas pré-concebidas de ser. Na inserção de um adolescente homossexual dentro de um grupo de homens heterossexuais, com visões de masculinidades mais tradicionais, ele poderá adotar esses parâmetros para si. Porém, o caráter compulsório da

heterossexualidade tem afrouxado e novas possibilidades culturais bissexuais e homossexuais de comportamento e identidade (BUTLER, 2020) têm possibilitado que cada vez mais adolescentes LGBTQIA+ sejam capazes de expressar suas formas individuais de ser e existir no mundo. Isso torna possível a formação de grupos não heterossexuais entre os adolescentes, trazendo à tona a percepção de que há outras formas aceitáveis de masculinidades.

Com isso, é possível afirmar que a pornografia influencia no processo de adolecer de homens gays, porque ajuda a moldar a forma como entendem e vivenciam o amor, o sexo e, até certo ponto, a própria masculinidade.

### **“Quanto mais violento, mais prazeroso.” A pornografia afeta práticas de violência e assédio?**

Abordando questões sobre violência e assédio, 80% dos participantes da pesquisa relataram que a pornografia influencia na ocorrência de assédio sexual e de práticas sexuais violentas entre homens gays, com a intensidade das influências variando de acordo com o conteúdo da mídia. Entre as influências, os entrevistados incluíram um estímulo a condutas mais intensas, violentas e agressivas durante o sexo, entre elas, as práticas típicas do BDSM<sup>1</sup>. P2 relatou: “parece que, quanto mais forte, mais violento for, mais prazeroso vai ser.”.

Outra influência destacada foi o fato de as mídias pornográficas fomentarem a crença de que homens homossexuais estão sempre disponíveis para atos libidinosos, como demonstram vídeos que fetichizam profissões ou que retratam sexo em locais públicos. P8 relatou: “tem vídeos em transporte público, coisas em público e tem gente que fica com essa ideia na cabeça, de que pode passar a mão no ônibus, por exemplo, que a pessoa vai aceitar. Não é bem assim.”.

Além disso, o pornô normaliza e induz a práticas violentas ao apresentar vídeos com temática de abuso sexual., A desses vídeos mostra que um dos participantes recusa o ato sexual, mas é ignorado, inicialmente resistindo ao ato, mas, na continuidade da cena, passa a demonstrar prazer. Esse comportamento comum nas cenas pornográficas recebe um nome: *token resistance*.

Também foi relatado, nas entrevistas, que a pornografia pode contribuir para tornar os indivíduos mais impulsivos, a pensar apenas no próprio prazer,

---

<sup>1</sup> Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo.

independentemente do que o parceiro sente. Nesse sentido, a indústria pornográfica define um modo de produção do prazer de forma a criar um processo cíclico bastante individualista de satisfação parcial, que causa uma constante frustração e busca por prazer no indivíduo (PRECIADO, 2018). Assim, os indivíduos, focados em si mesmos, desconsideram a humanidade do outro na busca de sua própria satisfação. Nas palavras de Han (2017), no inferno do igual, que vai igualando todos cada vez mais, já não nos encontramos com a experiência erótica, pois essa experiência presume a assimetria e a exterioridade do outro.

Quando comparamos tudo com tudo e nivelamos tudo ao igual, acabamos com o outro e com sua alteridade. O sujeito narcísico não estabelece os limites entre ele e os outros, ao contrário, o mundo que o cerca é constituído de sombras projetadas de si mesmo. Por isso, facilmente o outro é objetalizado. A pornografia, por ter um fim no próprio indivíduo que a consome, é frequentemente acompanhada da masturbação, o que reforça a posição individualista com práticas de busca de prazer voltadas ao próprio indivíduo. 20% dos participantes disseram que a pornografia não tem papel na ocorrência de práticas violentas ou de assédio, comentando que ações desse tipo são utilizadas como uma forma de reforçar a própria masculinidade por conta de um fator cultural. Alegaram ainda que cada pessoa é responsável por suas ações, que a agressividade pode ser um gosto pessoal de um indivíduo. Disseram também que, para ser influenciado pela pornografia a cometer atos de assédio, é necessário já ter alguma questão de saúde mental pregressa.

A agressividade masculina é historicamente naturalizada e, desde muito cedo, meninos exercitam a violência como uma maneira de socializar e de entrar no universo dos homens (BOLA, 2020). Na estrutura de dominação na qual os homens estão inseridos, a busca por um ideal de virilidade leva-os a afastar-se de todas as ternuras consideradas desvirilizantes e a participar, às vezes compulsoriamente, de práticas violentas tipicamente masculinas, que devem ser praticadas diante dos demais para serem reconhecidos. Essas práticas, em geral, levam à subjugação das mulheres (BOURDIEU, 2020).

Antunes (2017) apontou que a violência doméstica na homossexualidade ocorre por causa da diferença de poder, que é usada para controlar o parceiro. A violência do agressor pode ser impulsionada por uma baixa autoestima e pelo sentimento de inadequação social, com raízes na homofobia, que o sujeito internalizou. Assim, o agressor procuraria melhorar sua autoimagem exercendo poder

sobre o parceiro. Nos relatos dos entrevistados, acentuou-se o papel na pornografia dos “ativos” (masculinos) e dos “passivos” (femininos), porque as práticas agressivas nas cenas ocorrem contra os “passivos”, havendo, nesse sentido, uma equiparação com o poder masculino sobre o feminino na ocorrência da violência doméstica.

Visto isso, a pornografia pode não ser a causa da violência, de práticas abusivas e da masculinidade presente nos homens gays. Contudo, parece ter considerável influência nesses temas ao aproximá-los da esfera sexual e difundi-los como formas comuns ou prazerosas de atos sexuais.

### ***“Sem capa é melhor”? A pornografia e a prevenção de ISTs.***

Sobre a prevenção de ISTs entre homens gays, 70% dos entrevistados afirmaram que a pornografia tem influência direta em relação ao cuidado com as ISTs, 10% negaram a existência dessas influências e 20% têm uma opinião mista, oscilando entre ambas as posições. Entre os que atestaram a presença de uma relação entre o consumo de pornografia e a prevenção de ISTs, foi apontado que a maioria das mídias pornográficas não retrata relações “sem capa”, ou seja, sem a utilização da camisinha. Na mídia, a prática é apresentada como mais prazerosa, o que incentiva consumidores de pornografia a preferir mídias sem o uso da proteção e desestimula os expectadores a não utilizar esse método em suas vivências sexuais.

P5 disse:

eu não sei, eu pelo menos imagino que, se todo vídeo pornô que eu tivesse visto, tivesse camisinha, eu acho que hoje eu teria adotado com mais firmeza a camisinha desde sempre que como eu acabei fazendo. Porque... quando eu via vídeos em que tinha camisinha, eu já parava esse vídeo e ia procurar vídeos em que tivesse homens que não estariam usando camisinha.

Alguns participantes relataram que a ausência da camisinha leva os expectadores a supor o uso de Profilaxia Pré-Exposição (PrEP), que, por mais que proteja o usuário da contaminação pelo HIV, não protege contra outras ISTs. Além disso, as cenas pornográficas comumente mostram relações sexuais desprotegidas com desconhecidos. Sobre isso, G1 disse:

Pega uma coisa bem bomba pornográfica. Um mecânico vai lá na casa do cara e vai lá os dois e fazem sexo. Ninguém sabe o passado um do outro.

São duas pessoas que se viram pela primeira vez. Um pode ter uma coisa e os dois não usam camisinha nem nada.

O participante P4, que disse não haver influência da pornografia sobre o cuidado com as ISTs, defendeu que “cada pessoa sabe de si”. Já os participantes que indicaram uma influência moderada, defenderam que a pornografia mostra tantos vídeos com a utilização da camisinha quanto sem. Também apontaram que a abordagem do tema nas escolas foca apenas relações heterossexuais e a prevenção da gravidez. Pouco é falado sobre o uso para a prevenção de ISTs e sobre o sexo homossexual, corroborando o apresentado na pesquisa de Quaresma da Silva (2013). Por fim, também foi apontada uma tendência cultural para o não uso da camisinha.

Os participantes apresentaram o uso de métodos preventivos como sendo mais impactado por outros aspectos culturais e educacionais. Para eles, elementos como nível de discriminação do ambiente sobre a sexualidade, escolaridade, situação econômica, saúde mental e homonegatividade internalizada influenciam na ocorrência de práticas sexuais de risco entre homens homossexuais, como sexo anal sem proteção, uso de drogas durante o sexo e compulsão sexual (ANTUNES, 2017).

Além disso, é comum que homens se sintam pressionados ou encorajados a recusar medidas de prudência e a desafiar o perigo com condutas inconsequentes como forma de exibição de bravura, com o objetivo de manter a consideração e estima de seus pares e evitar ser considerados “mulherzinha” ou “fresco” (BOURDIEU, 2020). Isso porque as afirmações de masculinidade são especialmente valorizadas no campo da sexualidade (QUARESMA DA SILVA; ULLOA GUERRA, 2012), o que leva alguns homossexuais a adotar o pensamento de que sexo sem camisinha é “coisa de macho” por requerer coragem e impulso.

Pode-se inferir que, em se tratando de práticas de prevenção, a pornografia influencia no uso de métodos preventivos para as ISTs, ao incentivar práticas sem proteção e colaborar com a construção de um imaginário de que essas práticas são mais prazerosas.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo, foi possível concluir que as mídias pornográficas ocupam um importante papel na construção da identidade e na vivência sexual de homens jovens

homossexuais que vivenciaram o consumo de mídias pornográficas na adolescência ao longo dos últimos dez anos. Em especial, quando consumida durante a adolescência, a pornografia parece normatizar e valorizar práticas sexuais, fazendo com que seus consumidores prefiram praticar aquilo que veem ao perceber essas formas como as “corretas” e/ou mais prazerosas de realizar atos sexuais. Contudo, tais formas incluem práticas sexuais de risco, violentas e práticas abusivas. Além disso, essas mídias acabam levando alguns adolescentes e adultos gays a prezar mais pelo desempenho sexual em detrimento à vinculação afetiva nos relacionamentos, reforçando práticas heteronormativas e estereótipos de gênero em meio à comunidade gay.

Essas influências parecem se exacerbar por causa da peculiaridade dessa população não ter, na maioria dos casos, referências homossexuais familiares para se inspirar no campo da sexualidade e por não ter acesso a conhecimentos sobre a prática sexual homossexual na educação sexual escolar. Em decorrência disso, os homens gays acabam encontrando nas mídias pornográficas um espaço de identificação e representação. Porém, como P5 apontou,

a pornografia não te ensina a lidar com a experiência real do ato sexual. Ela te dá a falsa impressão de que tu tá aprendendo alguma coisa, quando, na verdade, tu só vai aprender estando com outra pessoa. Interagindo com a outra pessoa. Perguntando pra ela o que ela gosta e, enfim, isso não tem no vídeo pornô.

Destaca-se, por fim, a importância de serem construídos mais espaços de representatividade gay e de difusão de conhecimentos sobre a vivência sexual dessa população, para que essas pessoas possam se permitir experimentar o sexo e explorar seu próprio prazer e o do outro, aceitando o risco de “erros”, sem seguir roteiros, normas e medos criados pelas mídias pornográficas. Sinaliza-se a importância do prosseguimento de estudos sobre essa temática em outras regiões do país e do mundo, com outras faixas etárias e com amostras mais amplas, bem como versando sobre outras identidades da comunidade LGBTQIA+.

## REFERÊNCIAS

10% dos brasileiros são LGBTI, mas estão sub-representados na política. **Brasil de Fato**, 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/06/19/cerca-de-10-da-populacao-brasileira-pessoas-lgbti-sao-sub-representadas-na-politica>.

Acesso em: 16 de abril de 2021.

AGRELA, Lucas. Os 50 sites mais acessados do Brasil e do mundo. **Exame.**, 2017.

Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/os-50-sites-mais-acessados-do-brasil-e-do-mundo/> Acesso em: 12 de abril de 2021.

ANTUNES, P. P. S. Homofobia internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo. 1ª ed. São Paulo: **Annablume**, 2017.

BAERE, Felipe de; ZANELLO, Valeska. Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 25, e44147, 2020. Disponível em

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722020000100208&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722020000100208&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 26 Mar. 2021. Epub Maio 18, 2020. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.44147>.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1ª edição. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUMEL, Cynthia Perovano Camargo et al. Atitudes de Jovens frente à Pornografia e suas Consequências. **Psico-USF**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 131-144, Jan. 2019.

Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712019000100131&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712019000100131&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 17 fevereiro 2021.

<http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712019240111>.

BOLA, J. J. **Seja Homem**: a masculinidade desmascarada. 2ª ed. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 20ª edição. **Civilização brasileira**, Rio de Janeiro, 2020.

CASAGRANDE, Erich. Top 100 sites acessados no Brasil [Edição 2021]. **Semrush**, 2021. Disponível em: <https://pt.semrush.com/blog/top-100-sites-mais-visitados/>  
Acesso em: 12 de abril de 2021.

COELHO, Salomé. Por um feminismo queer: Beatriz Preciado e a pornografia como pretextos. **Ex aequo**, Vila Franca de Xira, n. 20, p. 29-40, 2009. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-55602009000200004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602009000200004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 27 agosto 2020.

CONNELL, Robert. Masculinidades. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

D'ABREU, Lylla Cysne Frota. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 592-601, 2013. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822013000300013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000300013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 02 setembro 2020.  
<https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000300013>.

DIAZ-BENITEZ, María Elvira. O ESPETÁCULO DA HUMILHAÇÃO, FISSURAS E LIMITES DA SEXUALIDADE. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 65-90, Abr. 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132015000100065&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000100065&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 12 agosto 2020.  
<http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n1p065>.

DIAZ-BENITEZ, María Elvira. Sexo com animais como prática extrema no pornô bizarro\*. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 38, p. 241-279, Junho 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332012000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000100009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 18 agosto 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332012000100009>.

EU Não Quero Voltar Sozinho. Daniel Ribeiro. Brasil: Lacuna Filmes, 2010. Filme exibido por GloboPlay. Acesso em: 26 junho 2022.

FERREIRA, Lola. Por que tentam mais e homens são as principais vítimas de suicídio?. **Gênero e Número**, 2019. Disponível em: <http://www.generonumero.media/suicidio-violencia-autoprovocada-homens-mulheres/> Acesso em: 12 de abril de 2021.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, jan. 2008.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos – Vol. IV: Estratégia, Poder-Saber*. 3ª ed. São Paulo: **Forense Universitária**, 2012.

GOMES, Elias Evangelista. Práticas socializadoras do gosto sexual e do exercício do sexo. **Etnográfica**, Lisboa, v. 19, n. 1, p. 51-57, fev. 2015. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0873-65612015000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612015000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 setembro 2020.

HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. 1ª ed. Petrópolis: **Editora Vozes**, 2017.

HEARTSTOPPER. Euros Lyn. Reino Unido: See-Saw Filmas, 2022. Série exibida por Netflix. Acesso em: 26 junho 2022.

HOJE Eu Quero Voltar Sozinho. Daniel Ribeiro. Brasil: Lacuna Filmes, 2014. Filme exibido por Netflix. Acesso em: 26 junho 2022.

JUNIOR, Leconte de Lisle Coelho; OKABE, Monica Saemi. O Marco Civil da internet no Brasil: reflexões sobre a psicologia, pornografia infantil e a pedofilia. **Revista de Psicologia da UNESP**, Assis, v. 14, n. 1, p. 13-25, jan. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-90442015000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442015000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 08 fevereiro 2021.

LEITE JR, Jorge. Labirintos conceituais científicos, nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre os gêneros. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 38, p. 99-128, Junho 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332012000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 18 agosto 2020.  
<https://doi.org/10.1590/S0104-83332012000100004>.

MISKOLCI, Richard. "Discreet and out of the gay scene" - notes on contemporary sexual visibility. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 44, p. 61-90, Junho 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332015000100061&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332015000100061&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 26 março 2021. <https://doi.org/10.1590/1809-4449201500440061>.

MOREIRA, Marine Moreth. Caminhos para o cuidado em saúde mental de pessoas LGBT+. **Psicologia Viva**, 2021. Disponível em: <https://blog.psicologiviva.com.br/saude-mental-de-pessoas-lgbt/> Acesso em: 12 de abril de 2021.

MURARO, Cauê. 22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens, diz pesquisa. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml> Acesso em: 12 de abril de 2021.

PAPALIA, Diane E; FELDMAN, Ruth D. Desenvolvimento Humano. **Artmed**, Porto Alegre, 2013.

PINHO, Osmundo. Race Fucker: representações raciais na pornografia gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 38, p. 159-195, Junho de 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332012000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 25 Agosto 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332012000100006>.

PINTO, Pedro; NOGUEIRA, Maria da Conceição; OLIVEIRA, João Manuel de. Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 374-383, 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722010000200020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722010000200020&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 05 Fevereiro 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722010000200020>.

PRECIADO, Paul B. Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. 1ª ed. São Paulo, **N-1 Edições**, 2018.

QUARESMA DA SILVA, D. R. Educación (des)encantada: pedagogías de género em las prácticas de educación sexual de instituciones escolares de Brasil. **Revista Científica de UCES**, Buenos Aires, v. 17, n. 1, 2013. Disponível em: <[http://dspace.uces.edu.ar:8180/xmlui/bitstream/handle/123456789/3435/Educacion\\_Quaresma-da-Silva.pdf?sequence=1](http://dspace.uces.edu.ar:8180/xmlui/bitstream/handle/123456789/3435/Educacion_Quaresma-da-Silva.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 26 Junho 2022.

QUARESMA DA SILVA, Denise; ULLOA GUERRA, Oscar. Masculinidades en Cuba: legitimación de una dimensión de los estudios de género. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá , n. 42, p. 93-103, Abr. 2012 . Available from <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0123-885X2012000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-885X2012000100009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 26 Junho 2022.

RONDINI, Carina Alexandra; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva; TOLEDO, Livia Gonsalves. Concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio. **Psicologia**

USP, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 57-71, Abr. 2017. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642017000100057&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642017000100057&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 26 Março 2021. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140011>.

RUPAUL'S Drag Race. Nick Murray. EUA: World of Wonder, 2009-presente. Série exibida por Netflix. Acesso em: 26 junho 2022.

SEX Education. Laurie Nunn. Reino Unido: Eleven Film, 2019-presente. Série exibida por Netflix. Acesso em: 26 junho 2022.

SHOR, Eran; SEIDA, Kimberly. **Agression in Pornography: myths and realities** (research in sexualities). Abingdon: Routledge São Paulo: EDUC, 2020.

SILVA, Júlio César Casarin Barroso. Liberdade de expressão, pornografia e igualdade de gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 143-165, Abr. 2013. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2013000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 31 de agosto de 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100008>.

TAVARES, Mariza. Saúde mental é a maior preocupação da população LGBTQ+ durante a pandemia. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/blog/longevidade-modo-de-usar/post/2020/07/26/saude-mental-e-a-maior-preocupacao-da-populacao-lgbt-durante-a-pandemia.ghtml> Acesso em: 12 de abril de 2021.

VALENTE, Jonas. Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa. **Agência Brasil**, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>. Acesso em: 12 de abril de 2021.